

OS CLASSICOS NOS LIVROS DE TEXTO

ELVIRA SOUTO
Universidade da Coruña

A edição de textos literários escritos em épocas anteriores a este presente lingüístico nosso, caracterizado no plano normativo pola presenza de vários padrons que aspiram a converter-se no estándar comum do galego, é assunto delicado que levanta nom poucos problemas e suscita mui justificados debates.

Publicar hoje um texto de qualquer etapa prévia à formulação e difusom das propostas normativizadoras que na actualidade circulam na Galiza obriga o editor a tomar umha série de decisons relativas à forma ortográfica, morfo-sintáctica e mesmo nalgumhas occasions léxica em que esse texto há de ser apresentado aos leitores. Nom sendo o caso das ediçons fac-símiles (caso bem particular em que, logicamente, nom há lugar a qualquer tipo de modificaçom), o editor tem de escolher quer queira quer nom entre vários graus de infidelidade ao texto original, infidelidade que pode ir desde a simples eliminaçom daquelas práticas ortográficas que perderom toda a vigência (algum grafema, apóstrofos, determinados usos do hífen, etc.) até alteraçons mais sérias que às vezes chegam a afectar, como já dixemos, o léxico.

Todo depende em última análise do objectivo da edição. Entre o texto que se dirige a especialistas e o que se publica nos manuais escolares para ser lido nas aulas dos diferentes ciclos do ensino obrigatório medeia umha distáncia considerável no que a essa exigência de fidelidade di respeito. O que nom significa, nom deveria significar, que haja de reservar-se para uns, os primeiros, todo o esmero e o rigor editorial e que os outros, os textos dirigidos aos escolares, podam ser transcritos de qualquer maneira e sem nengum respeito por autor e leitores.

Nom podemos esquecer que muitos nenos galegos se inician na leitura literária através precisamente dos textos que encontram nas páginas dos seus manuais de aprendizado lingüístico, onde, apesar das mudanças introduzidas pola última reforma educativa, a literatura continua a ocupar um lugar de relevo. E como este primeiro contacto vai repercutir na sua formaçom de leitores (no só na sua competência lingüística, também no seu gosto, na percepçom dos específicos mecanismos que regulam o funcionamento deste discurso, no conhecimento da diversidade estilística e autoral, etc.) o risco de umha edição descuidada ou mal orientada poder incidir negativamente nessa formaçom complexa deve levar-nos a ser mui exigentes com o trabalho dos editores.

Ora, é justamente por isto, por o autor de livros de texto ter de servir à vez a causa lingüística e a causa literária, que o problema da fidelidade se pom, com toda a sua gravidade, desde o primeiro momento. Mui especialmente quando se trata de obras de autores já desaparecidos pois nestes textos, que som os de maior significaçom histórica e os que mais se afastam, via de regra, de qualquer disciplina estandardizadora, as modificaçons devem ser feitas, é óbvio, sem o consentimento dos autores.

Reproduzir um poema de Rosalia tal como foi publicado no seu tempo significa sem dúvida contribuir a fixar no aluno formas que, no estándar cuja difusom pretende garantir o manual, som consideradas erróneas. Mas corrigir, ou "normativizar" como agora se di, o que Rosalia escreveu nom só pode esvaecer as marcas autorais, empobrecer esteticamente o texto e até atraíloar o seu sentido, senom que também pode contribuir a apagar as pegadas que as convulsions sociais imprimirom nele e a mostrar as figuras mais prestigiosas das nos-sas letras como um grupo compacto de praticantes (**avant la lettre**, e por isso mesmo raiz e origem) do estándar que sustenta esse concreto manual. E todo isto, insistimos, sen o consentimento da autora e muitas vezes mesmo sem a certeza de que a emenda introduzida seja a melhor possível.

Por muito que se justifique em termos pedagógicos, a eliminaçom higiénica de todas as formas discrepantes de um determinado padrom, mesmo que momentaneamente ajude a evitar problemas a escolares e professores, quase sempre acarreta a meio prazo consequências didáticas negativas que nom convém desdenhar.

Como havemos pois de fazer? Onde havemos de situar o ponto de equilíbrio entre a necessária preservaçom das qualidades estéticas (e nom só) da obra e a nom menos necessária adequaçom do texto às necessidades do aprendizado lingüístico? A resposta nom é fácil.

Nom é fácil porque aos problemas que som comuns a todas as línguas no nosso caso vem sumar-se, entre muitas outras cousas, a instabilidade do estándar que os organismos oficiais imponhem às editoras. Instabilidade que é consequência em boa medida das numerosas rectificaçoms feitas nos últimos anos pois, à espera de que se proceda a umha necessária e cada vez mais urgente revisom global, foi inevitável ir emendando algumas das suas mais óbvias incoerências.

No entanto, e sem negar a gravidade de todos estes problemas, pensamos que, polo menos nalgumas questons mui concretas, é imprescindível definir critérios comuns que introduzam um mínimo de racionalidade na transcriçom de textos clássicos nos manuais de uso escolar. Evitariam-se deste modo atentados tam sérios ao nosso património cultural como o que cometem os autores do manual de **Lingua e Literatura** de Rodeira, onde se estraga seriamente um dos mais célebres poemas de Rosalia, ou a proliferaçom de extravagâncias tam infelizes como as que encontramos nos manuais de **Lingua Galega** de Anaya, onde se reproduz o famoso poema desta mesma autora "Adiós ríos, adiós fontes..." em duas versons diferentes. Atentados e extravagâncias aos que haveria que acrescentar a ousadia de que fam gala alguns autores como, por exemplo, os membros do Colectivo Alborada que no manual da Ed. Fontel para 6º curso de ensino primário, nom só se permitem ignorar as mais recentes, e nalguns aspectos dificilmente discutíveis, leituras de **Os pinos**, o poema de Pondal que dá letra ao Hino Galego, senom que nom duvidam em alterar morfológicamente o texto até hoje canónico para o adaptar às mais questionáveis rigidezes do corsé normativo que utilizam.

Comentaremos brevemente estes três casos e a seguir apontaremos alguns critérios que talvez podam servir-nos de base para o estabelecimento de praticas editoriais comuns.

"Has de cantar..." de Rosalia de Castro

O texto cuja ediçom comentaremos em primeiro lugar aparece no apartado que se dedica à actividade de leitura na Unidade Didáctica nº 10 do livro **Lingua e Literatura** (Ed. Rodeira, Grupo EDB, 2º Ciclo Educaçom Primária, 1993). Som várias as razons polas que este texto resulta particularmente interessante.

1) Trata-se de um fragmento da composição primeira de **Cantares Galegos**, poema que, por razões não só estéticas (embora também), todo o galego medianamente informado reconhece.

2) A unidade didáctica em que o fragmento é reproduzido aparece precedida de umha epígrafe, "Louvanza da lingua", que anuncia sem equívoco possível qual o eixo temático que a estrutura. Ora, se atentarmos no lugar que ocupa no conjunto (de dezasseis unidades ao todo) logo comprovaremos que a altura do curso para que foi pensada deve situar-se em torno ao dia das Letras Galegas (17 de Maio), suspeita que plenamente se confirmam no apartado "Lingua e Sociedade" e que a torna mais interessante porquanto o seu carácter em muitos sentidos excepcional reflecte muito bem o lugar, também excepcional, da própria efeméride. E um dos aspectos que melhor singulariza esta unidade no conjunto reside precisamente na eleição do próprio poema pois com diferença ao que acontece na quase totalidade do resto do livro aqui se propõem um clássico e não um texto escrito **ad hoc** nem, em princípio, adaptado para objectivos extra-literários —gramaticais ou outros— como acontece com as narrativas populares em muitas outras partes do livro.

3) Em terceiro lugar os exercícios com que se procura garantir a compreensão do texto (umha dada compreensão) são exemplo acabado, parece-nos, da exuberância emotiva com que é norma nestes casos substituir outros conteúdos mais estritamente escolares: pede-se aos alunos para enumerarem as qualidades que no poema se atribuem à Galiza e à sua língua, assinalarem os sentimentos que aí se exprimem, completarem frases do tipo "A lingua serve para...", etc. E, por se ainda ficarem dúvidas ao respeito do que se pretende, os próprios autores preocupam-se de esclarecer o assunto: "**A nosa lingua** serve para aprender, falar, escribir e tamén para expresa-las nosas vivencias e sentimentos" (o sublinhado é deles).

4) A ênfase que se põe em ressaltar os aspectos ideológicos e sentimentais do poema não se corresponde porém com a observância desse princípio que já dixemos sim nos parece irrenunciável e com demasiada frequência vemos conculcado, também, na escola: o respeito devido aos textos, mais ainda se se trata de um poema como este que ocupa, sem lugar a qualquer dúvida, um lugar sobranceiro nas letras galegas. Não só se modifica, muito seriamente, léxico e morfologia, senão que também se altera gravemente a métrica, o ritmo e a rima sem que para isso se ofereça nenhum tipo de justificação. Ponhamos alguns exemplos:

- O texto aparece precedido, como se indicou, de umha epígrafe ("Louvanza da lingua") que o leitor desprevenido (não informado) interpreta necessariamente como título do poema (como programador portanto de umha muito concreta leitura).

- Os versos: "Lugar mais hermoso / no mundo n'hachara", são transcritos, acrescentando umha sílaba, como: "Lugar mais hermoso / no mundo non **achara**", (o sublinhado é dos autores e remete para o vocabulário da unidade, onde, com bem pouca exactitude por certo, se sinonimiza este verbo com "atopar"). Repare-se que a elisão não responde unicamente a umha necessidade métrica pois é fenómeno frequente na oralidade de muitos galego-falantes primários e isto não se indica em parte nenhuma.

- Mas não é este o único caso: "pelras" substitui-se por "pérolas" (v. 14); o celeberrimo "Cantarte hei, Galicia" troca-se nos versos 25 e 29 por "Cantar hei Galicia" sem que saibamos bem por quê (embora podamos imaginá-lo), enquanto, incongruentemente, se conserva no verso 43; "Mimosa, soave" (v. 33) passa a "Mimosa, suave", grafia que, **neste sistema**, reduz o hiato a ditongo; no verso 48, "na lingua que eu falo", suprime-se o pronome: "na lingua que falo", etc.

• A estas "correçõs" devem ser acrescentadas outras várias que igualmente afectam a composição em diversos planos, algumas delas realmente incríveis. Veja-se como transcrevem os autores do manual estes versos de Rosalia:

Texto de Rosalia

"De espumas que o mare
con pelras gomita;
de froles que nacen
ó pé das fontañas."

Texto da Ed. Rodeira

"De escumas do mar
que **pérolas** vomita
de flores que nacen
ó pé das fontañas."

Seria quase que impossível trair mais o original: altera-se a estrutura paralelística modificando-se o significado e suprime-se a paragoge eliminando a rima vocálica (mare/nacen) (note-se que no entanto mais adiante sim se respeita, v.28).

• Noutras ocasiõs é o ritmo que se vê alterado polas correçõs dos autores. "Que os ángeles neles / dormidos se quedan" (vv. 21-22) transcreve-se como: "Que os anxiõs neles / durmidos se quedan". Alteraçõs particularmente grave porquanto se modifica o esquema de quatro acentos fixos da moineira, um dos nossos ritmos mais populares e que Rosalia utiliza profusamente.

• Também nom faltam intromissõs audazes no próprio imaginário da autora. Os versos "xa en forma de pombas / xa en forma de niebras" aparecem, sem que saibamos por quê, sob esta estranha fórmula: "xa en forma de pombas, / xa en forma de herbas" (vv.23 e 24).

Para nada dizer da curiosa apresentaçõ editorial que suprime radicalmente signos de pontuaçõ e pausas inter-estróficas. Arbitrária manipulaçõ que é fonte de nom poucos problemas para a leitura. E isto num texto que se dirige a escolares de 10 anos.

"Adios ríos, Adios fontes..." de Rosalia de Castro

Como antes indicámos, a editora Anaya oferece duas versõs diferentes do conhecido poema de Rosalia, nengumha delas fiel ao texto original. Umha aparece no livro de terceiro curso (**Lingua 3**, pág. 69), curiosamente a mais próxima ao texto da autora, a outra no de quinto curso (**Lingua 5**, pág. 30).

Texto do manual de 3º curso

Adiós ríos, adiós fontes,
adiós regatos pequenos,
adiós vista dos meus ollos,
non sei cando nos veremos.

Miña terra, miña terra,
terra onde me eu criei,
hortiña que quero tanto,
figueiriñas que plantei.

Prados, ríos arboredas,
pinares que move o vento,
paçariños piadores,
casiña do meu contento.

Texto do manual de 5º curso

Adeus, ríos; *adeus*, fontes;
adeus, regatos pequenos;
adeus, vista dos meus ollos;
non sei cando nos veremos.

Miña terra, miña terra,
terra onde me eu criei,
hortiñas que quero tanto,
figueiriñas que plantei,

prados, ríos, arboredas,
piñeirais que move o vento,
paxariños piadores,
casiña do meu contento,

Muíño dos castañaes,
noites claras de luar,
campaniñas timbradoras
da igrexiña do lugar.

Amoriñas das silveiras
que eu lle daba ó meu amor,
camiñiños entre o millo.
!adiós para sempre, adiós!

muíño *das castiñeiras*,
noites claras de luar,
campaiñas timbradoras
da igrexiña do lugar,

amoriñas das silveiras
que lle daba *ó amor meu*,
camiñiños entre o millo,
¡adeus, para sempre *adeus!*

¡Adeus, gloria! ¡Adeus contento!
¡Deixo a casa onde nacín,
deixo a aldea que coñezo
por un mundo que non vim!

(Em itálico as diferenzas entre ambos os textos).

Nos dous casos o poema aparece no apartado "Expresión oral" e em ambos se recomenda a súa memorización com a ajuda da versom musicada de Amancio Prada. Preciso será portanto perguntar-nos qual dos dous textos esperam os autores que os escolares retenham e confiarmos que a boa memória destes seleccione o que aprenderom em primeiro lugar (o de 3º curso). Nom só por ser esta a mais respeitosa com o texto da autora, senom também porque as alteraçõs que aí se fam están longe de ter a gravidade das que encontramos no manual de 5º curso, onde, como no caso antes comentado do manual de Rodeira, o esquema acentual resulta alterado ("adiós" / "adéus", "pináres" / "piñeiráis") e a rima modificada ("ó meu amor" / "ó amor meu"). Diga-se no entanto que nos exercíciõs do manual de 3º curso, ainda que na transcriçom do texto se respeita o castelhanismo "Adiós", o poema é citado, incongruentemente, como "Adeus ríos, adeus fontes". (!)

Provavelmente por tratar-se de um poema mui conhecido, com poucas dificultades lingüísticas e de fácil memorização, este texto aparece nos manuais de quase todas as editoras e também nalgum outro caso em mais de umha ocasiom (Ed. Edelvives), o que, sumado à falta de critérios comuns, dá como resultado a previsível diversidade de versons escolares.

Assim, por exemplo, nos manuais de Edelvives (**Lingua galega 4**, pág. 122 e **Lingua galega 5**, pp. 110-111) e Bruño (**Herdanza, Lingua galega 6**, pág. 33) opta-se por oferecer umha versom mais próxima do original e fazer as emendas a pé de página, no manual da Ed. Buño sob a epígrafe "Normativizado" (sic).

Mas se neste caso as versons e o procedimento som similares, nom por isso os resultados som coincidentes pois nem as divergências com o original som as mesmas (o verso "Quen pudiera n'o deixar" apareça como "Quen pudiera non deixar" (Edelvives) e "Quem pudiera non deixar" (Bruño), palavras como "antre", "sin", "trimbadoras" aparecem com diferente forma em cada um dos três livros, etc.) nem se corrigem em nota de rodapé os mesmos fenómenos: nos manuais de Edelvives passam por boas formas tam claramente castelhanas como "pinares", "castañaes", etc. enquanto os autores do manual da Ed. Buño optam pola exaustividade, levando o seu zelo "normativizador" ao extremo de corrigir o sonoro "m'eu criei" de Rosalia por umha fórmula tam incolor como "eu me criei", se calhar preferível da estreta perspectiva do estándar mas em modo nengum melhor em termos estéticos.

"Os Pinos" de Eduardo Pondal.

A seguir transcrevemos o texto oficial do Hino Galego e a versom que dele ofrece a Ed. Fontel (**Galego Prático 6**, p.92) para se poderem apreciar as diferenzas. Nem será preciso sublinhar a importancia que tem este texto e, conseqüentemente, a gravidade das emendas. Mais ainda nestes momentos em que, a raiz da nova leitura proposta por Manuel Ferreiro do poema de Eduardo Pondal, unha comissom nomeada polo próprio Parlamento estuda a conveniência de introducir reformas na versom até agora canónica.

Texto oficial

¿Que din os rumorosos
na costa verdecente,
ao raio transparente
do prácido luar?

¿Que din as altas copas
de escuro arume arpado
co seu ben compasado
monótono fungar?

Do teu verdor cinguido
e de benignos astros,
confín dos verdes castros
e valeroso chan,
non des a esquecemento
da inxuria o rudo encono;
desperta do teu sono
fogar de Breogán.

Os bos e xenerosos
a nosa voz entenden
e con arroubo atenden
o noso ronco son,
mais só os ñorantes
e féridos e duros,
imbéciles e escuros
non os entenden, non.

Os tempos son chegados
dos bardos das edades
que as vosas vaguedades
cumprido fin terán;
pois, donde quer, xigante
a nosa voz pregoa
a redenzón da boa
nazón de Breogán.

Texto da Ed. Fontel

¿Que din os rumorosos
na costa verdecente,
ó raio transparente
do *plácido* luar?

¿Que din as altas copas
de escuro arume arpado
co seu ben compasado
monótono fungar?

"Do teu verdor cinguido
e de benignos astros
confín dos verdes castros
e valeroso chan
non des a esquecemento
da inxuria o rudo encono;
esperta do teu sono,
Fogar de Breogán.

Os bos e xenerosos
a nosa voz entenden,
e con arroubo atenden
o noso rouco son,
mais só os *ignorantes*,
e féridos e duros,
imbéciles e escuros
non *nos* entenden, non.

Os tempos son chegados
dos bardos das *idades*,
que as vosas *vaguidades*
cumprido fin terán;
pois *onde* quer xigante
a nosa voz pregoa
a *redención* da boa
nación de Breogán.

(Em itálico as diferenzas entre um e outro texto)

Parece claro que para os autores do manual da Ed. Fontel é mais importante evitar que os escolares fixem formas nom "normativas" que respeitar a tradiçom do texto canónico. Nom obstante, a sua paixom correctora detém-se no título, cujo evidente castelhanismo ("pinos") só se corrige em nota de rodapé, e na forma "quer" que, felizmente, parece ter merecido o indulto apesar de este concreto estándar nom a reconhecer.

Contodo, estas correcçoms nom teriam demasiada importância (salvo no caso de "redenzón" e "nazón", onde a morfema galego é substituído polo correspondente do espanhol, acrescentando-se deste modo umha sílaba a cada um dos versos), se nom fosse porque agora mesmo, como já indicámos, está em estudo a revisom de algumhas formas do texto oficial.

A leitura que do manuscrito de Pondal propom Manuel Ferreiro (**De Breogán aos Pinos. O texto do Himno Galego**, Ed. Laiovento, 1997), base de trabalho da citada comissom designada polo Parlamento para fixar o novo texto, corrige com argumentos mui convincentes, entre outras, as formas "cinguido", "chan", "féridos", "só" (que passam a "cingido", "clan", "férridos", "sós"). No entanto, na versom da Ed. Fontel em todos estes casos, e apesar da evidente falta de sentido de algumhas das expressoms tradicionais ("valeroso chan" (sic)) ou da argumentaçom e respaldo documental que Ferreiro oferece para justificar outras mudanças ("férridos e duros"), os autores do manual aferram-se à leitura tradicional ("féridos") contribuindo mesmo nalgumha ocasiom a reforçar com exercícios de vocabulário essa, mui provavelmente errónea, leitura ("Féridos"="Persoas groseiras, violentas e crueis").

Exercícios, diga-se também, em que se oferecem outra definiçoms igualmente discutíveis: "Arpado"="Co son da arpa (sic) ou instrumento musical." Note-se que o nome do instrumento musical é "harpa" —e daí "harpado"— e que a forma sem "h" inicial ("arpado", sinónimo de "farpado") significa outra cousa ("que ten dentes como os da serra"). Ignoramos em qual destas duas formas pensava Pondal mas enquanto houver dúvidas o mais prudente parece evitar introducir estes problemas no ensino primário.

ALGUNS CRITÉRIOS POSSIVEIS PARA A EDIÇOM DOS CLASSICOS NOS LIVROS DE TEXTO DO ENSINO PRIMARIO

Em primeiro lugar, e como lógica consequência do que até agora foi comentado, diremos que em nossa opiniom nos textos clássicos editados nos manuais escolares nom se deveriam introducir mais modificaçoms ortográficas, morfo-sintácticas, léxicas, editoriais ou outras que aquelas que forem absolutamente indispensáveis e estiverem ao serviço de propósitos didácticos mui bem definidos (mais vale pecar por defeito que por excesso).

Isto implica, entre outras cousas que:

a) nom se há de modificar nunca o texto quando as formas utilizadas polo autor forem aceitadas polo estándar que se usa no manual, mesmo no caso de estas soluçoms nom coincidirem com as que o editor prefere. Haverám de respeitar-se portanto, quando assim estiver no texto original, a forma plena da contracçom a+o (ao), as formas que nom representam graficamente a assimilaçom oral do artigo ("comer o caldo" e nom "come-lo caldo"), os sufixos -bel (que nom serám substituídos por -ble), etc.etc. Como se trata de algumhas das correcçoms mais frequentes, umha medida tam elementar como esta serviria para eliminar muitas das actuais infidelidades.

b) ham de respeitar-se as formas originais que no entram nesse concreto estándar quando a sua substituiçom polas formas "normativas" correspondentes acarretar mudanças que

afectam à qualidade artística do texto. Estám neste caso aquelas correcções, também mui frequentes, que alteram a medida de um verso, o ritmo de um poema, a caracterizaçom de umha personagem, etc.

Vejam-se como exemplo, para além das já antes comentadas, as correcções que se fam no fragmento do poema de Celso Emilio Ferreiro "Historia dun desleigado contado por il mesmo", reproduzido na Unidade 9 do manual **Lingua 5** da Ed. Anaya (p.86). A "normatizaçom" a contrapelo a que som submetidos dá como resultado a alteraçom da medida dos seguintes versos:

V. 4: coarenta	passa a	corenta (umha sílaba menos)
V. 6: calquer	passa a	calquera (umha mais)
V. 10: sanas	passa a	sás (umha menos)
V. 18: cencia	passa a	ciencia (umha mais)
V. 22: si terciá	passa a	se se terciá (umha mais)
V. 23: adepende	passa a	depende (umha menos)
V. 28: déis	passa a	deas (umha mais)
V. 31: leer	passa a	ler (umha menos)
V. 32: lee	passa a	le (umha menos)
V. 40: dalgunhos	passa a	dalguns (umha menos)
V. 51: noustante	passa a	non obstante (umha mais)

Em segundo lugar devemos fazer referència a algunhas modificaçoms que afectam à apresentaçom do texto e incidem na estruturaçom dos seus significados. Também aqui cremos que se há de procurar introducir apenas aquelas alteraçoms que resultem imprescindíveis e tenham algunha finalidade didáctica. Em caso contrário há de reproduzir-se o texto tal como o autor o deixou, o que significa que:

a) nom se há de alterar em nengum caso a ordem em que o autor dispujo as diferentes partes do seu texto, por muito que o editor prefira outra organizaçom. Ham de evitar-se em consequência alteraçoms como as que se fam no manual **Lingua 4** da Ed. Anaya (pp. 24-25) onde se reproduz "O maio" (Curros Enríquez) alterando sem nengumha justificaçom a ordem das estrofes.

b) nom se ham de suprimir partes de um texto com critérios ideolóxicos ou moralistas se, com consequência dessa supresom, o seu sentido resultar alterado.

Um exemplo acabado de censura ideolóxica encontramos-lo na Unidade nº 6 do manual da Ed. Bruño (**Alfaia. Lingua Galega 3**, p. 65), onde se reproduz um fragmento de "Lume no pazo" tam inócuo que o combativo poema de Ramón Cabanillas pode ser apresentado aos escolares do segundo ciclo, sem nengum problema, como a mera notícia de um sucesso infeliz (de facto, a Unidade Didáctica 6 dedica-se precisamente à composiçom das notícias).

Como amostra de censura moralista veja-se a versom de "Sabela" que aparece em **Lingua 6** (Ed. SM, p. 24), onde os responsáveis da ediçom podam todas as frases com que o narrador de Castelao descreve o corpo da protagonista da história, umhas vezes para substituí-las por fórmulas mais austeras ("os andares, arfados e velañios, facían no aire ronseles de gracia" transforma-se num severo "os seus andares"), outras, mais radicalmente, para eliminar todo rasto da frase considerada audaz ("e os engados da sua carne non tiñan segredo para os ollos de ningún", "O corpo era un gran corazón prisado" desaparecem por completo).

c) nom se ham de modificar as pausas do texto mediante a pontuação ou a disposição editorial. No manual da Ed. Anaya (**Lingua 6**, p. 46-47) a comovedora apresentação de Balbino, o protagonista de **Memorias dun neno labrego**, neste caso um clássico de autor vivo, é reproduzida como se o narrador protagonista respondesse, imperturbável, as perguntas de um questionário burocrático:

"Eu son...

Balbino. Un rapaz de aldea. Como quen di un ninguén. E ademais, pobre...."

d) nom se há de dar título a um texto que carece dele nem, no seu caso, modificar o que já tem. O título, como potente programador de leitura que é, tende a orientar a decodificação do receptor num determinado sentido e é mui discutível que seja legítimo contrariar a escolha do autor como fam, por exemplo, os responsáveis do manual **Galego Práctico 6** (Ed. Fontel, p. 36) que intitulam o relato da eloquente história de Panchito, umha das mais conhecidas **Cousas** de Castelao, com um enunciado tam pouco feliz como "O negriño que chegou das Américas".

e) se o texto verbal for acompanhado de um debuxo e com ele formar umha unidade, como acontece nas **Cousas** de Castelao, este nom há de ser suprimido nem substituído por outro como igualmente fam os autores do já citado manual da Ed. Fontel que, depois de lhe inventar um título, ilustram a história de Panchito com um debuxo que nada tem a ver (nem em intenção nem em qualidade) com o do autor.

Diremos por último que de pouco ou nada há de servir qualquer debate em torno a estes problemas se nom se partir de um princípio prévio e elementar, nom por óbvio menos descuidado : qualquer emenda que se fíger aos textos originais há de fazer-se correctamente (as correcções com correcção).

Ponhamos exemplos concretos. Nom se há de corrigir "comprido" (crescido, alto) por "cumprido" (**Galego 6** (Ed. Fontel, p. 36), imaginando que Castelao pretendia mostrar o seu Panchito como um rapaz "cumpridor". Nom se hám de emendar caprichosamente "anceios" por "devezos" (**ibidem**), "Cantiga pra durmir a un neno" por "Canción para durmir a un neno" (note-se que nom corrigem porém o castelhanismo sintáctico) (**Ronsel 2000**, Ed. Obradoiro-Santillana, p. 62), nem se há de emendar o popular "préstemos" de Curros Enriquez polo espanhol "préstamos" (**Lingua 4**, Ed. Anaya, p. 24) em lugar do galego "empréstimos", ou a mui galega forma "desprovidos" que usa F. Cuevillas ("Louvanza da choiva") polo castelhanizante "desprovidos" —enquanto se deixa sem passar, esta sim mui espanhola, a forma "tronos"— (**Galego Práctico 6**, Ed. Fontel, p. 12). Hám de respeitar-se formas orais como "papai", perfeitamente legítimas num contexto literário (**Os dous de sempre**), por mui "normativa" que seja "papá" (**Lingua 6**, Ed. SM, p. 34) e, postos a corrigir, a "branca pruma" de Rosalía há de passar a "branca pluma" nom a "branca prima" como aparece repetidas vezes em **Lingua 6** (p. 101) e "ganar o pan" a "gañar o pan" ("gaña-lo pan" se se quer) mas nunca ao híbrido "gana-lo pan" que aparece no tam maltratado relato de Castelao (**Galego 6**, Ed. Fontel, p. 36).

Fiquemos por aqui para nom tornar excessivamente prolixa esta revisom. Fiquemos por aqui mas nom encolhamos os ombros. Pobre ou rico, melhor ou pior, o nosso património literário bem merece um pouco mais de lealdade.

E os escolares galegos um pouco mais de respeito.